



A CANÇÃO “APILI”, DE JOSÉ CARLOS SCHWARZ, E A PARÓDIA MUSICAL DE KARYNA GOMES

Fidel Cá¹

Maria Aurinivea Sousa De Assis²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo comparar a canção “Apili”, de José Carlos Schwarz, com a paródia composta por Karyna Gomes, destacando os pontos de contato e as especificidades das duas obras no contexto histórico e social. José Carlos Schwarz utilizou a música como instrumento de denúncia contra o regime colonial, empregou-a como meio de mobilização para a luta de libertação da Guiné-Bissau, preservando e celebrando a cultura guineense. Sua contribuição foi significativa, inspirando diversas gerações de músicos guineenses, incluindo Karyna Gomes. A obra de Schwarz levou diferentes artistas a reinterpretarem suas canções, como ocorreu na paródia realizada por Gomes. Com base em pesquisas bibliográficas de Augel (2007), Ulhôa (2007) e outros estudiosos da música guineense, a análise evidencia que a personagem Apili, na versão original de José Carlos Schwarz, representa uma mulher corajosa que, apesar de acompanhar seu marido na guerrilha, teme ser abandonada por ele, o que acaba por acontecer quando este decide deixá-la por outra mulher. Em contraste, na releitura de Karyna Gomes, a personagem Apili é ressignificada como uma mulher independente, que teve acesso à educação formal e não teme a perda de um parceiro. A nova abordagem reflete as transformações sociais e os desafios contemporâneos enfrentados pelas mulheres guineenses.

Palavras-chave: Música da Guiné-Bissau; Canção de José Carlos Schwarz; Paródia de Karyna Gomes; ressignificações sociais da mulher guineense.

Unilab, Palmares, Discente, fideljorgeca@gmail.com¹

Unilab, Palmares, Docente, niveadeassis@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A música desempenhou um papel primordial no processo de luta da libertação nacional da Guiné-Bissau concomitantemente com Cabo-Verde, e continua a ter grande impacto na sociedade guineense até a data presente, para compreender esta situação é necessário revisitar o passado, isto é, através das músicas do pioneiro da música moderna guineense José Carlos Schwarz com o seu grupo Cobiana Djaz.

Depois da independência da Guiné-Bissau surgiram vários artistas no país que continuam cantando e encantando o povo guineense com os seus talentos, que faz-nos lembrar do nosso pioneiro Schwarz, porque a nova geração da música está a similar fazer o que ele fazia no período da luta armada. Este fenómeno demonstra a grande afeta de José sobre os cantores da nova geração do país, e a Karyna Gomes não escapou desta persuade, sendo assim, ela optou em parodiar a música Apili do Schwarz.

Este trabalho traz a comparação entre as duas obras dos dois músicos guineenses, um que é o pioneiro da música moderna guineense e outra da nova geração do nosso pioneiro Schwarz. Durante as nossas abordagens não vamos ficar somente em trazer o que cada música tem, mas trazemos a reflexão depois da comparação das duas obras.

METODOLOGIA

Com base em pesquisas bibliográficas de Augel (2007), Ulhôa (2007) e outros estudiosos da música guineense.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

José Carlos Schwarz foi o construtor da identidade musical da Guiné-Bissau, ou seja, pioneiro da música moderna guineense, destacou-se no conjunto musical denominado Cobiana Djazz, nesta época a Guiné-Bissau estava sob domínio de colonialismo português, foi daí que Schwarz decidiu utilizar a música como um instrumento de mobilização dos antigos combatentes para a luta da libertação da Guiné-Bissau. Nas suas músicas, pode-se encontrar o consolo dos familiares que perderam os seus estimados, denúncias sobre os acontecimento no país e atos bárbaros cometidos pelos invasores que invadiram o território guineense, nesse caso, os portugueses. A sua influência no processo da mobilização pela libertação da Guiné-Bissau foi um algo muito relevante, isto é, com as suas músicas cantadas em crioulo da Guiné-Bissau mobilizou os antigos combatentes para aderirem ou aceitarem lutar contra o colono.

Schwarz nasceu no dia 6 de dezembro de 1946 sob o domínio de colonialismo português, algo que não é fácil pelo seu envolvimento na política. E consequência disso, ele passou pelas diversas situações delicadas juntamente com os seus colegas de grupo musical Cobiana Djazz, de acordo com Augel,

Não tardou muito a prisão dos três principais membros do Cobiana Djazz: Ducko Castro Fernandes, José Carlos e Aliu Bari. Os dois primeiros prestavam serviço militar obrigatório e isso agravava ainda mais a situação em que se encontravam. José Carlos foi prisioneiro político durante o período de 18.5.1972 a 29.4.1974, tendo permanecido na Ilha das Galinhas por três meses e meio (Augel, 1997, p.14).

Nessa perspectiva, entende-se que o processo da luta armada da Guiné-Bissau foi um algo muito difícil, mesmo artistas que não lutaram contra o regime colonial de uma forma direta, foram perseguidos.

Segundo Moema Parente Augel, "A tônica principal das canções de José Carlos é, entretanto, a da construção nacional, nos seus mais diferentes aspectos. Muitas vezes acusa e denuncia a opressão do colonizador [...]" (Augel, 1997, p. 21). Percebe-se que a música de Schwarz tem três focos principais que são: a mobilização do povo da Guiné-Bissau pela luta da independência, o consolo para os que perderam os familiares durante a



luta e as denúncias dos acontecimentos causados pelos portugueses na altura.

Para conquistar a independência, a Guiné-Bissau teve que dar início à luta da libertação contra o colonialismo português. A luta pela libertação nacional da Guiné-Bissau não era uma luta na qual os dois países tinham os materiais da luta de uma forma semelhante, neste caso, a Guiné-Bissau e Portugal. O colono português era um país com a melhor condição para enfrentar a luta em todas as condições, começando pela condição econômica, militar, acadêmica e entre outros. Por outro lado, Guiné-Bissau era um país sem mínimos requisitos durante o começo dessa luta armada, o fundamento que não ajudou o país de uma forma rápida para conquistar a independência, mas mesmo com isso, esse motivo não conseguiu estragar os sonhos dos guineenses na altura, que era libertar a nação.

A luta armada na Guiné iniciou-se em 1963, tendo rapidamente alcançado algumas vitórias notáveis. A batalha pelas ilhas Como, nos inícios de 1964 - provavelmente o acontecimento militar mais importante das guerras africanas -, representou um momento decisivo de grande alcance. Durante mais de três meses, o exército português lançou ataques sucessivos sobre as ilhas Como, na tentativa de se assegurar uma base estratégica, a partir da qual pudesse atacar a frente sul do PAIGC [...] (Woollacott, 1983, p. 1134).

No entanto, entende-se que a Guiné-Bissau mesmo sem a conjuntura militar para enfrentar o processo de luta da libertação pela sua independência juntamente com Cabo-Verde não desiste desta soberba luta contra o colonialismo português.

Durante o início da luta pela independência da Guiné-Bissau em 1963, compreende-se que, as mulheres guineenses batalhavam ao lado dos seus maridos nas guerrilhas, essas mulheres decidiram renunciar as suas vidas em prol da libertação da república da Guiné-Bissau. As mulheres guerreiras não tinham oportunidade de educação formal na altura. Apili, como era chamado pelo Schwarz, não eram apenas as mulheres que ficavam somente nos acampamentos usados pelos antigos combatentes, mas algumas delas lutavam junto com os seus maridos nas matas para expulsar o opressor.

[...]Uma canção das mais expressivas de José Carlos Schwarz sintetiza a problemática dessa dicotomia mortalizando Apili, a mulher valente que estava na guerrilha sempre perto do seu homem. [...] (Augel, 2007, p. 287)

Apili é o sinônimo da resistência da mulher guineense que combatia ao lado do seu marido durante o período da luta armada. Uma mulher que deslembrou o seu futuro para enfrentar a batalha que tinha início, mas que sobre o fim ninguém sabia. Mulher batalhadora que deu a sua vida para o bem comum do povo guineense. Entretanto, observa-se que a coragem dela a colocou no lugar inesperado.

CONCLUSÕES

Depois deste estudo, percebe-se que antigamente ou depois da luta armada da Guiné-Bissau contra o colonialismo português na Guiné-Bissau, as mulheres guineenses foram abandonadas pelos seus maridos, isso aconteceu mesmo elas tendo ficado ao lado dos seus maridos na guerrilha, lutando e batalhando nas matas para conquistar a independência do país conjuntamente. Em contraste disso, entende-se que as características das mulheres guineenses hoje não têm nada a ver com as mulheres do passado, nota-se esta diferença através da educação formal, um dos motivos que colocou as mulheres no alto patamar das tomadas de decisões e dentro do casamento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força que me tem dado. Por outro lado, ao pai Jorge Cá, a minha orientadora



professora Dra. Maria Aurinivea Sousa de Assis e comissão organizadora.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Moema Parente. Ora di kanta tchiga. José Carlos Schwarz e o Cobia Djazz. INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas República da Guiné-Bissau. 1997.
- AUGEL, Moema Parente. O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- GOMES, Patrícia Godinho. Mindjeris di Guiné, ka bô m'pina, Ka bô burgunhu. Narrativas de mulheres na/sobre a luta de libertação na Guiné Bissau (trajetórias, construções e percursos emancipatórios). Abe África: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos, v.6, n.6, Outubro de 2021.
- TUNDÉ, Andreina Gomes. Educação familiar na formação política, social e acadêmica da mulher guineense no período pós- independência. 2023.
- WOOLLACOTT, John. A luta pela libertação nacional na Guiné-Bissau e a revolução em Portugal. Revista Análise Social, vol. xix (77-78-79), 1983-3.